



Ascensão social
em poucas gerações



...ando...
Juntos chegaremos lá

Da Construção de Sonhos à Construção de Pontes: Uma Jornada de Propósito e Impacto

LINKEDIN



Bartira Almeida

25 anos atuando no ramo da construção e incorporação de imóveis e 10 como voluntária ativa no Terceiro Setor. Sócia e presidente do Conselho de Administração da Morar Construtora e Incorporadora, uma das três maiores construtoras do ES. Fundadora e presidente do Instituto Ponte, uma ONG que tem o propósito de promover a ascensão social em uma geração, por meio de educação de qualidade, para jovens em vulnerabilidade social. O Instituto Ponte foi eleito cinco vezes consecutivas como uma das 100 melhores ONGs do Brasil.

Nascida em Brasília em 1974, é engenheira civil formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pós-graduada pela Fundação Getulio Vargas (FGV) em Controladoria, Auditoria e Finanças. Membro ativo do Young President Organizations (YPO) desde 2008. Vencedora do Prêmio Mulheres do Amanhã na categoria Terceiro Setor da ArcelorMittal Tubarão em 2019 e Ibeiana de Sucesso no Prêmio Equilibrista do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças do Espírito Santo (Ibef-ES) em 2018.

Na loteria do CEP, eu fui sorteada. Nasci em uma família classe média que foi melhorando seu poder econômico durante o meu crescimento. Uma família na qual a educação é prioridade (meus pais até hoje pagam as escolas de todos os netos para que seja a melhor escolha, independentemente do valor). Minha mãe, na década de 60, foi a única mulher da sua turma de Engenharia. Sempre fui incentivada a dar o meu melhor; me ensinaram que as minhas realizações dependeriam de mim. Tenho uma autoestima que me faz achar que sou bem-vinda em qualquer lugar. E que posso até ser coautora de um livro.

Voltando às origens....

Meus pais, Sebastião e Delva, nasceram no interior do ES no início da década de 40, ambos de família humilde. Papai, filho de agricultores, foi o 9º filho de 11 irmãos e aos 13 anos foi estudar em um internato na Escola Agrotécnica de Santa Teresa. Ele sempre gostou de matemática e achava que estudar era o melhor caminho. Mamãe, filha de um alfaiate e uma dona de casa, foi a 7ª filha de oito irmãos e cursou o “Normal” (atual ensino médio) para ser professora.

Ele, inspirado em suas convicções, e ela, inspirada na sua irmã mais velha, se aventuraram a ir para a capital fazer o curso preparatório para o vestibular. Lá se conheceram, passaram

juntos para Engenharia Civil, na Ufes, sendo mamãe a única mulher da sua turma. Formaram-se em 1967 e, em seguida, foram iniciar a vida profissional em Brasília, onde havia muitas oportunidades e, por isso, eu e meus irmãos somos candangos.

Trabalharam juntos em empresas de Engenharia, em Brasília e em Belo Horizonte. Em 1981 voltaram para Vitória para serem empreendedores. Fundaram a Morar Construtora Incorporadora, atualmente umas das três maiores construtoras do ES.

Passei a minha infância vendo meus pais trabalhando com muita dedicação e muito prazer. Os nossos passeios de final de semana geralmente incluíam uma visita às obras. Papai, um empreendedor e otimista, e mamãe, mais “pé no chão”, formam uma bela dupla! Em uma empresa com mais de 40 anos, os vi passarem por muitas crises, demissões de funcionários e também presenciei muitas conquistas. Pouquíssimas vezes vi meus pais reclamando do trabalho. Aquilo sempre foi uma fonte de prazer para eles. Hoje, tenho a felicidade de tê-los, acima dos 80 anos, com muita saúde e ainda trabalhando em situações pontuais na empresa. Uma das frases que tenho guardada do meu pai é: “O homem se realiza pelo trabalho”.

Quando fui fazer o vestibular, optei por Engenharia Civil, pois gostava de matemática. Não tenho lembrança de me sentir pressionada na escolha do curso nem por começar a estagiar na Morar. Na minha cabeça, foi tudo muito natural. Comecei estagiando na área de orçamento e tive a sorte de, logo depois de formada, coordenar a implantação do Sistema de Qualidade. Fomos a 1ª Construtora do Espírito Santo a ser certificada na ISO 9001. Foi muito bom para a minha formação, pois escrever todos os processos me deu uma visão geral da empresa. Comecei trabalhando com mamãe, que era uma chefe muito exigente com a qualidade do trabalho e tinha pouca paciência para explicar os detalhes. Ter a primeira chefe bastante exigente foi muito bom

para não me conformar com um trabalho nota 7. Mamãe me ensinou a analisar um documento desde o título e reclamava se algum não tivesse data. Provocada por um consultor de planejamento estratégico, mudei de área e comecei a acompanhar meu pai nas obras. Ele sempre foi preocupado que eu aprendesse todas as áreas da empresa. Chamava-me para as mais diversas reuniões, me incentivou a fazer pequenos cursos e, a cada dia, me dava novas responsabilidades. Com meu pai, aprendi que o trabalho era mais transpiração do que inspiração. Ele me expôs a diferentes situações: desde construir soluções com operários das obras a discutir parcerias com empresários renomados. De forma natural, aprendi que eu me encaixava em todo lugar.

Assim, passei 20 anos trabalhando na Morar: fui de estagiária a vice-presidente responsável pelas áreas técnica, administrativa e financeira da empresa. Foi um período muito gratificante na minha vida. Aprendi a trabalhar, me realizei vendo minha capacidade de fazer as coisas acontecerem e conheci pessoas bem interessantes. Neste período, casei-me e tive os meus dois filhos, Caio e Ana, que me fizeram descobrir que o papel que mais gosto na vida é o de ser mãe.

Em 2012, começamos a discutir a sucessão executiva na Morar. Meu pai me perguntou se eu queria ser presidente e aquela pergunta foi muito importante para mim. Próxima dos 40 anos, refleti sobre o que eu queria fazer na segunda metade produtiva da minha vida (atualmente, a minha mãe está me mostrando que podemos seguir produtivas após os 80 anos) e cheguei à conclusão de que queria construir uma nova história. Optei por sair da minha posição executiva da Morar e continuar no Conselho de Administração da empresa. Sou uma privilegiada na vida, a minha família tem uma estrutura de governança que permite aos filhos terem liberdade nas suas escolhas pessoais.

Para o sucesso de pais empreendedores é muito importante que exista harmonia familiar e empresarial. Cada filho tem seu interesse pessoal, quer formar o seu núcleo familiar e tem objetivos de vida próprios. Sempre foi claro para os meus pais que eles seriam mais realizados pessoalmente se a empresa fosse bem-sucedida e os filhos estivessem felizes. Na nossa estrutura de governança há regras para entrar e sair da parte executiva da empresa, com dividendo mínimo, para cada um ter mais liberdade nos seus projetos pessoais. Assim, após os 80 anos, meus pais começaram a cuidar da sucessão patrimonial. Trata-se de um processo lento, construído por eles com muitas reuniões e mes- tria. Mesmo sendo uma família relativamente pequena, temos, além do Conselho de Administração na Morar, o Acordo Societário Familiar, Conselho de Sócio, Conselho de Família e contratamos conselheiros externos para nos apoiar. Focamos nos pontos de interesse em comum para continuarmos juntos, sempre com muito respeito às individualidades.

Não foi tão fácil a decisão de deixar as minhas funções executivas na Morar. Como disse minha psicóloga: *“A Morar é mais enraizada na sua vida do que você imagina”*. A coach que me acompanhou neste processo de transição falou que eu só descobriria a minha nova atividade quando tivesse tempo para praticá-la. Passei dois anos conversando com pessoas que fizeram mudanças na vida, visitei 42 projetos sociais em diferentes estados do Brasil e, em 2014, optei por fundar uma ONG de educação, o Instituto Ponte. Como acredito que temos melhores resultados se iniciarmos um projeto aprendendo com quem já executa algo semelhante a sua ideia, fui em busca de quem tinha experiência. Neste processo, percebi que as pessoas são bem acessíveis e têm prazer em dividir seus feitos. Atualmente, sempre que alguém me pede opinião sobre um projeto que quer implementar eu pergunto: *“Quem executa algo semelhante no Brasil ou no exterior? Você já estudou esta empresa? Já tentou*

conversar com o empreendedor?”. Parece clichê, mas é bem mais fácil iniciar aprendendo com a experiência e os erros dos outros. As pessoas sabem disso, mas poucas colocam em prática.

Faz dez anos que utilizo 70% do meu tempo trabalhando voluntariamente para melhorar a vida daqueles que precisam apenas de uma oportunidade. E eu não poderia ter me dado um presente melhor.

Começar algo novo é desafiador. Além disso, a minha opção por trabalhar de forma voluntária, sem remuneração, se tornou de difícil compreensão para muitas pessoas. A minha mãe falou: *“Você nunca teve problema na vida e agora você está procurando um problema. Você não conhece nada de educação, nem de terceiro setor e vai atuar nesta área? Mas, na minha vida, eu fiz o que quis e na sua vida você tem que fazer o que você quer. Eu acho que é loucura, mas o que você quiser, se for coerente, vou te apoiar”*. Ouvi, também, de diferentes pessoas *“Quando você vai voltar a trabalhar?”* ou *“O que você está ganhando com este Instituto Ponte?”*. Sou grata a todas que têm a coragem de dizer o que realmente pensam para mim. Quando estou segura das minhas decisões, as críticas são apenas insumos para reflexão.

E, assim, comecei de forma solitária; não tinha ninguém para fazer nada para mim. Na construtora, eu rabiscava um papel com as ideias e direções e alguém fazia um belo Power Point. Nesta nova empreitada, tive que dar 20 passos para trás. Foi ótimo, porque reaprendi muita coisa.

Metas a alcançar sempre foram importantes para mim. Eu escolhi um empresário e combinamos uma reunião mensal, eu prestaria conta do meu progresso para ele todo mês. Ele me atendia com toda atenção e, ao final, falava que tinha aprendido mais do que me ensinado, mas que, se eu quisesse continuar as reuniões, ele estaria à disposição. E assim, experimentando e conversando, fui encontrando meu novo caminho.

No Instituto Ponte, a minha principal função é ser uma “pedinte ambulante”. Não temos recursos públicos. Toda a nossa receita vem de pessoas e empresas que acreditam e agem para construir um Brasil menos desigual. Não conheço ninguém que goste de ser pedinte, mas posso garantir que, quando você encontra um propósito, tudo vale a pena.

E o **propósito** do Instituto Ponte é **ser a ponte** para a **Ascensão Social** em **Uma geração**, por meio de educação de qualidade, para jovens em vulnerabilidade social. Segundo a OCDE, um descendente brasileiro, entre os 10% mais pobres, demora nove gerações para atingir a renda média do país. Nove gerações? Nosso elevador social está quebrado! No Instituto Ponte, fazemos isso em uma geração. Assim, o filho do pescador hoje estuda Engenharia Mecatrônica no Insper; a filha da auxiliar de TV faz Medicina na Unicamp e o filho do motorista de van escolar, de uma cidade de 15 mil habitantes no interior do ES, faz Engenharia no Inteli.

Gosto de explicar o que o Instituto Ponte faz com uma analogia ao futebol. O Brasil tem vários jogadores eleitos entre os melhores do mundo: Kaká, Ronaldinho, Romário, Rivaldo... E nenhum prêmio Nobel. Mais de 200 milhões de habitantes e aqui só nasce quem tem talento para futebol? Inteligência diferenciada não nasce no Brasil? É isso mesmo? Lógico que não! Por que isso acontece? Porque no futebol temos um olheiro em cada campo de várzea. E o que todos deveriam se perguntar é: o que estamos fazendo com os talentos que existem entre os 30 milhões de estudantes da escola pública? Praticamente nada. Já ouvi dizer até que eles atrapalham o andamento da sala de aula.

O que o Instituto Ponte faz é ser este “olheiro”, achar estes talentos nas escolas públicas, com renda familiar de no máximo 1,5 salário-mínimo per capita, e lhes dar oportunidades iguais às que damos para nossos filhos. Esses jovens passam a

ter a chance de estudar em uma escola que os desafia, de cursar inglês, de conhecer diferentes profissões e conversar sobre projetos de vida. Hoje, temos mais de 280 alunos oriundos de oito estados do Brasil.

Dos universitários, 8% estudam Medicina; 49% estudam Engenharia ou Tecnologia. Vamos fazer a ascensão social deles em uma geração. Mas não é tão simples. Continuo tentando entender também a realidade daqueles que chegam próximo, mas não conseguimos fazer avançar. Tenho um aluno que passou no Inteli, faculdade “de ponta”, com bolsa integral, moradia, alimentação e tudo gratuito em São Paulo. Com dez dias de aula, depois de muita conversa com psicólogos, ele desistiu e voltou para Vitória: *“Meu sonho é ser policial igual ao meu tio”*.

Como sou uma pessoa que acha que todas as oportunidades me cabem, fico a me perguntar aonde esses jovens poderiam chegar, se nós, como sociedade, disséssemos a eles que todas as oportunidades são para eles.

A notícia boa é que esses dez anos de voluntariado me deram a segurança para dizer que cada um que está lendo este livro **pode influenciar a vida de alguém muito mais do que imagina**. Só cabe a você decidir, se quer ficar no campo onde o jogo acontece ou na plateia, em que se conversa sobre o jogo. Se quiser ficar no campo e a sua causa for educação, eu estou esperando você. Procure-me.

Muitos talentos são desperdiçados todos os dias. O tamanho do impacto que o trabalho do Instituto Ponte pode alcançar também depende da sua atitude.

Fazer uma transição opcional de carreira é uma tarefa difícil. Muitos se perguntam: por que sair de um lugar que hoje lhe faz bem? Mas eu gosto de me projetar lá na frente. Quero estar neste lugar daqui a dez anos? Com estas pessoas? O que me fará

mais feliz? E quando, por diferentes motivos, tenho segurança de que serei mais feliz com a mudança, mesmo tendo que pagar um “preço caro”, inicialmente, eu escolho mudar. Sempre tive a coragem de enfrentar a situação. Eu gosto de viver a vida de uma forma intensa. Tenho sede de viver bem cada dia, de aproveitar a minha saúde e de honrar as belas oportunidades que nos são dadas todos os dias. Isso também tem um preço, eu não aprendi a relaxar “fazendo nada”. Sou aquela que está sempre atrás de um programa, de um aprendizado ou de uma diversão. Algumas vezes estou muito cansada "fazendo acontecer" e preciso ter atenção para aproveitar a "viagem" e não apenas o ponto de chegada.

Me dou pequenos desafios. Já participei de um TEDx, já palestrei para plateia com mais de 1.000 pessoas e até hoje não encontrei minha zona de conforto no palco. Eu fiz a opção de falar em público sempre sem ler. Isso me dá uma ansiedade extra, pois estou exposta com menos apoio a uma plateia. Mas em compensação, falar sem ler aumenta a minha conexão com o público. Tenho uma cabeça bem positiva, acho que as coisas vão conspirar a meu favor. Aprendi que a plateia torce pelo meu bom desempenho e, se errar o meu texto inicial, apenas eu saberei. Sempre me lembro da fala de um amigo: *“Quanto mais você se divertir no palco, mais relaxada a plateia ficará”*. Mesmo sabendo dessas dicas, sigo tentando encontrar minha zona de conforto. Mas já fiz alguns avanços.

Ampliei a minha atuação para o setor social, além do setor privado, com os mesmos valores. Demorei a entender que algumas pessoas viam as ONGs de forma diferente das empresas. O Instituto Ponte tem planejamento estratégico, metas arrojadas de resultados (aumentamos 15 vezes o número de alunos em nove anos!), controle de orçamento de forma semelhante ao da Morar Construtora e Incorporadora. Eu que transito nas duas organizações, vivo fazendo uma troca de “melhores práticas” entre elas. Imagino que isso é um dos motivos de o Instituto

Ponte ser a única ONG do Espírito Santo eleita por cinco vezes consecutivas entre as 100 melhores do Brasil. E como disse a minha filha em um depoimento: *“Minha mãe não é aquela senhora docinha, altruísta, que imaginamos que cuida de uma ONG. Quando você a conhece, ela não é aquela pessoa fofinha, é superfocada e isso traz muitos, muitos resultados. E ela realmente encontrou o propósito de transformar a vida destes jovens. Muito legal ter a noção que não precisamos ser tão magnânimas quanto a Madre Teresa de Calcutá para fazermos este tipo de transformação”*.

Ao longo da minha trajetória fui aprendendo, valorizando o que me faz feliz. Muitas vezes sou criticada: *“No Instituto Ponte, ela trabalha o bom aluno, quero ver ela trabalhar com aquele que tem dificuldade”*; *“Com o relacionamento que ela tem, é fácil captar dinheiro”*. Será que quem fala isso já pediu dinheiro para um amigo, para ajudar um desconhecido? Ou será que já fez ações reais para transformar a vida de algum desconhecido? Quando as críticas vêm, eu observo qual a história de quem está falando. Não tenho receio de fazer o que eu acredito e sou ciente que não agradarei a todos. O mundo está repleto de problemas, eu escolhi cuidar daquele que fez sentido para mim. Convido cada um a escolher o que faz sentido para si. Todas as causas têm valor. Desde “dar o peixe”, até “ensinar a pescar”. Aprendi isto no meu primeiro ano, após conhecer o trabalho de maravilhosas ONGs pelo Brasil. Já conversou e entendeu a realidade de alguém que passa fome? Já se imaginou passando fome? Diminuí minhas críticas e passei a admirar quem faz pelo outro, independentemente do motivo. Admiro aquela pessoa que está agindo, sendo ou não por uma causa que me toca.

Reflita sobre o que o emociona, o que lhe dá energia, o que faz sua garganta trancar. Quando eu li o livro “O momento de voar”, da Melinda Gates, reli algumas páginas várias vezes. Me senti profundamente conectada, em especial, quando ela men-

ciona em um trecho: *“Se há na vida algum significado maior do que se conectar com outros seres humanos, eu ainda não encontrei”*. Durante a leitura, foi aumentando em mim a certeza de que estava gastando a minha energia no melhor lugar que eu poderia escolher.

Ajudar o outro me faz muito bem! Faço porque me faz feliz. E lembra que eu disse que meu papel favorito na vida é o de ser mãe? Não vejo nada melhor para meus filhos do que crescerem tendo como exemplo uma mãe trabalhando feliz, conectada com o seu propósito. Desejo que cada um consiga achar o que o faz feliz e deixo a dica de que ajudar os outros foi um ótimo caminho para mim.